

RELIGIÃO-MÍDIA E A BUSCA DE SENTIDO NO CENÁRIO DA PANDEMIA

RELIGION-MEDIA AND THE SEARCH FOR MEANING IN THE PANDEMIC SCENARIO

*Gustavo Cortez Fernandez*¹

Resumo: As manifestações e práticas religiosas sofreram profundas alterações no cenário da pandemia do novo coronavírus. O enfrentamento das realidades da dor e da morte leva a uma urgente reflexão sobre a questão do sentido da existência humana, e a fé é um caminho que nutre o homem religioso em busca de sua vontade de sentido. Dado o contexto da pós-modernidade em que se dá a pandemia, a religião, em suas múltiplas formas e sentidos, encontra nos ambientes secularizados terrenos de manifestação e florescimento. As mídias, com seu poder simbólico, constituem-se, nesse período de fechamento dos templos e isolamento social, ambiente acolhedor e propulsor de novos movimentos e significados religiosos, o que pode alterar e influenciar na dinâmica da religião e seus seguidores de agora em diante.

Palavras-chave: Pandemia. Religião. Sentido. Pós-modernidade. Mídias.

Abstract: Religious manifestations and practices have undergone profound changes in the new coronavirus pandemic scenario. Facing the realities of pain and death leads to an urgent reflection on the question of the meaning of human existence, and faith is a way that nourishes the religious human being in search of his/her will for meaning. Given the context of postmodernity in which the pandemic takes place, religion in its multiple forms and meanings, finds secularized environments in which to manifest and flourish. The media, with their symbolic power, constitute, in this period of the closing of the temples and social isolation, a welcoming environment that propels new movements and religious meanings, which can alter and influence the dynamics of religion and its followers from now on.

Key words: Pandemy. Religion. Meaning. Posmodernity. Media.

Introdução

As práticas religiosas têm passado por modificações significativas em suas abordagens desde a erupção da pandemia do novo coronavírus. As igrejas e locais de culto praticamente fecharam suas portas parcial ou totalmente nesses tempos de isolamento social, o que proporcionou o desenvolvimento de uma espiritualidade menos institucional e mais doméstica, veiculada pelas mídias, sobretudo a internet em sua multiplicidade religiosa. Nesse contexto de dor e morte trazido pela pandemia, o crente, por um lado, experimenta uma crise de sentido existencial intensificada pela falta dos sinais afetivos da comunidade que lhe sustentam na fé, mas vislumbra, por outro, novas

¹ Mestre em Ciências da Religião pela PUC-GO. Email: gustavo.cortezf@hotmail.com

possibilidades de se conectar com o sagrado e participar de uma comunidade virtual que lhe ultrapassa os limites geográficos e culturais.

Perguntar sobre o sentido da vida e o sentido da morte, nossa existência, nossas escolhas, o que somos e o que representamos no mundo são questões que advêm a todo instante no contexto da pandemia. A sensação de estranheza em perder pessoas quase que instantaneamente, com as quais até então celebrávamos a vida e das quais agora não conseguimos nos despedir, reflete o fato de que a pandemia alterou, dentre tantas situações, até a maneira de ritualizar a morte. Parece não se conseguir “elaborar o luto”. Hospitais e UTIs abarrotados, em muitos deles faltando os insumos e as condições básicas para o atendimento, médicos e profissionais da saúde no limite da exaustão, familiares à espera de notícias sem poder acompanhar ou fazer algo de concreto. Dado o diagnóstico de óbito, não dá tempo para quase nada, o corpo é envolto em um saco plástico, armazenado ao caixão e dirigido às pressas para o sepultamento, sem a presença próxima dos familiares para um momento de despedida. Lá se vão nossos pais, irmãos, filhos, histórias, vidas...

O contexto atual da humanidade é de uma grande crise na saúde em todos os sentidos. As pessoas, em geral, estão muito doentes, com medo, tristes, inseguras, e, para a pessoa crente, a fé, nesse contexto, é um suporte espiritual e terapêutico. Com as mudanças provocadas pela COVID-19, as formas de expressar a religião e viver a espiritualidade ganharam novas nuances, mais afastadas dos sacramentos ministrados nos templos e reuniões presenciais e mais voltadas às novas tecnologias proporcionadas pelas mídias. As transmissões das missas, cultos, reuniões e *lives* religiosas de todos os tipos chegaram com tanta força a ponto de nos perguntarmos se não estaríamos observando a formação e o desenvolvimento de novos rostos religiosos propiciados pela mídia. A pergunta se a internet é uma ferramenta apenas ou chega a ser criadora de um novo jeito de ser religioso é cada vez mais latente.

Será possível o retorno às missas, cultos, reuniões religiosas como o praticávamos antes da pandemia? No período de março de 2020 até hoje, foram diversos os decretos de enfrentamento à pandemia elaborados pelos governos, e a classificação por ondas (roxa, vermelha, laranja, amarela e verde) indica o nível das restrições a serem adotadas. Observamos a abertura e o fechamento das igrejas, como dos demais setores e serviços e suas adequações, inúmeras vezes. E assim nos questionamos se haverá esse retorno à mesma vida religiosa da comunidade presencial quando as mídias têm mostrado ser possível participar da missa, com a família, e ao mesmo tempo preparar as refeições,

trabalhar e dedicar-se a tantos afazeres. E com essa gama imensa de múltiplas escolhas religiosas por meio dos facilitados links, plataformas e redes sociais, hoje se torna possível algo que os cultos presenciais dificultavam de certa forma que é o trânsito religioso, dentro e entre os diversos credos e manifestações religiosas.

Baseando-se no exposto acima, este artigo tem como objetivo refletir três questões dentre as tantas que julgamos pertinentes para a temática das práticas religiosas no contexto da pandemia, e cada uma delas procuraremos abordar em cada um dos tópicos que se seguem: 1) situar, a partir do conceito de vontade de sentido, o sentido da existência humana neste contexto de dor e morte observado na pandemia; 2) apresentar as relações de plausibilidade religiosa no contexto atual da pós-modernidade, vislumbrando as possibilidades e práticas religiosas observadas na pandemia; 3) analisar as transformações simbólicas operadas no universo religioso pelas mídias e o que isso pode alterar na vida da pessoa crente.

1. O enfrentamento da morte e a questão do sentido

Um dos maiores males que afetam hoje o ser humano, sobretudo nesses tempos pandêmicos, é, provavelmente, a falta de sentido, o que chamamos de vazio existencial, e que Viktor E. Frankl reporta cientificamente como uma neurose noogênica. Em palavras muito simples, o sentido seria o motivo pelo qual o homem busca realizar-se e não a realização em si. Assim, ele nos diz que aquilo que o homem realmente quer é, afinal de contas, não a felicidade em si, mas um motivo para ser feliz.

Um pré-requisito para se entender a vontade de sentido é a noção de autotranscendência da existência: “o ser humano sempre aponta para algo além de si mesmo, para algo que não é ele mesmo – para algo ou para alguém: para um sentido que deve se cumprir, ou para um outro ser humano, a cujo encontro nos dirigimos com amor” (FRANKL, 2015, p.15). Em serviço a uma causa ou no amor a uma pessoa, realiza-se o homem a si mesmo. Quanto mais se absorve em sua tarefa, quanto mais se entrega à pessoa que ama, tanto mais ele é homem e tanto mais é si mesmo. Assim, em virtude de sua vontade de sentido, o homem tende a achar um sentido e realizá-lo, mas também a encontrar-se com outro ser humano, a amá-lo sob a forma de um tu. Ambos, a realização e o encontro, dão ao homem um motivo para a felicidade e para o prazer.

Para o neurótico noogênico, ou seja, aquele tomado pelo vazio existencial, contudo, tal aspiração primária permanece como que desviada para uma aspiração direta

à felicidade, à vontade de prazer. E aqui ocorre uma inversão: o prazer, que deveria permanecer como um efeito secundário de um sentido realizado e do ser humano encontrado, “torna-se o objeto de uma intenção forçada, de uma hiperintenção, e esta hiperintenção faz-se sempre acompanhar de uma hiperreflexão. O prazer torna-se conteúdo e objeto únicos da atenção” (FRANKL, 2015, p.66). À medida que o homem neurótico interessa-se pelo prazer, perde de vista o motivo para o prazer – e o efeito “prazer” já não pode mais ser obtido.

Saber o que se quer, para o homem de hoje, não é, pois, algo simples de se entender. Segundo Frankl (2011), diferentemente do animal, os instintos não lhe dizem o que ele tem de fazer e, diferentemente do homem do passado, o homem de hoje não tem a tradição que lhe diga o que deve fazer. Não sabendo o que tem e tampouco o que deve fazer, o homem contemporâneo nem sempre sabe o que realmente quer, e isso pode levá-lo a duas situações consequentes desse vazio existencial: só querer o que os outros fazem (conformismo) ou só fazer o que os outros querem que faça (totalitarismo). Numa época em que o sentimento de vazio propaga-se intensamente, “a educação tem de cuidar não só de transmitir o conhecimento, mas também de refinar a consciência, de modo que o homem aguçe o ouvido a fim de perceber as exigências e desafios inerentes a cada situação” (FRANKL, 2015, p.26).

O artigo de Thiago Antonio Avellar de Aquino (2020), baseando-se na vontade de sentido elucidada por Viktor Frankl, desvela os sentidos do viver e do morrer na perspectiva da logoterapia e análise existencial. Este artigo auxilia-nos sobremaneira, assim como o foi no X Congresso Internacional de Ciências da Religião da Puc-Goiás, cujo tema central leva-nos ao cerne da questão - Religião, espiritualidade e saúde: os sentidos do viver e do morrer. O autor estabelece a relação entre espírito e homem. O espírito, para Frankl, não é compreendido como substância, mas como puro movimento de uma dimensão mais profunda do ser, como atos criativos e artísticos. O espiritual é um núcleo em que se originam os fenômenos genuinamente humanos. Assim, o ser humano “é um ente que possui um núcleo espiritual onde se originam o amor, a busca de sentido e do sentido último, atos de consciência valorativa, tomada de posições” (AQUINO, 2020, p.85).

Essa aspiração do ser humano pelos valores é o que já dissemos ser a noção de vontade de sentido, e Frankl, segundo Aquino (2020), atesta que o homem anseia pelo sentido transcendente, ainda que desconhecido. O ser humano, assim, não se constitui do nada, ele se configura a partir dos valores que estão dispostos em sua área de liberdade

conforme as possibilidades de ser. O homem é um ser que decide, logo é um ser responsável por seu ser no mundo. Toda decisão é autodecisão, e, portanto, autocriação, o homem decide primeiro por si. Na medida em que escolhe quem ele é, dessa forma, o sentido da vida é que o homem realize sua essência na existência. O sentido da vida é a própria vida. Aquino (2020) toma como exemplo a escultura em que o homem com cinzel martela trabalhando a pedra informe. A vida é o que saiu da escultura mas também o que está por vir na escultura: ser homem significa destinar-se ao seu poder ser. Ao agir, o ser humano constitui-se como pessoa existencial/espiritual e, por conseguinte, define a própria essência.

Donde vem a importância na logoterapia de se discorrer sobre o tempo/temporalidade. A consciência da transitoriedade da vida faz com que o ser humano questione-se sobre o sentido do seu viver, e esta pandemia tem nos levado a essa constante reflexão. Segundo Pagola (2020), estamos tomando consciência da nossa fragilidade, não apenas como pessoas frágeis, mas toda uma humanidade frágil, e uma espécie em perigo. E, assim, o vírus estaria nos obrigando a pensar, refletir e meditar.

A logoterapia aborda a questão do sentido em uma perspectiva temporal e histórica. De acordo com Aquino (2020), sobre passado, presente e futuro, baseando-se nos campos de concentração, Frankl assegurara-nos que aqueles mais propensos a sobreviver eram os orientados para o futuro, para um sentido, cuja realização os aguardava no por vir. Já o passado teria a função de ser um farol da existência, pois se olharmos para trás no passado, podemos derivar um curso mais ou menos correto para o futuro; assim o passado pode iluminar o presente. O futuro será o passado do ser. O tempo escorre, pois, do futuro para o passado. Dentre as várias possibilidades do poder ser, apenas uma pode penetrar no ser, e a cada momento há sempre um poder ser mais valioso, que se torna aquilo que deveria ser realizado e que é captado por meio da consciência. Além disso, aquilo que atua sobre o ser é exclusivo para ele, o que o torna único e exclusivo.

Outra consideração importante de Aquino (2020) é sobre a diferenciação e a relação entre o sentido da vida e o sentido na vida. As pessoas só podem viver na perspectiva de cada situação, isto é, atuam no momento presente, ficando assim impedidas de ver a totalidade da existência, e se pudessem ver essa totalidade, a vida perderia os desafios. Assim, o sentido da vida aponta para a totalidade da existência (historicidade) e o sentido na vida significa o sentido no momento presente. Estão relacionados, pois o sentido da vida é constituído pelos sentidos na vida. O sentido da vida seria compreendido

somente no momento do seu término, o que nos faz pensar no sentido da morte. Sempre foi uma inquietação de Frankl se a morte tiraria o sentido da vida: na morte perdem-se as oportunidades de ser; a pessoa torna-se aquilo que decidiu e escolheu para migrar das possibilidades para o seu passado.

Ao relatar as experiências dos homens em campos de concentração, Frankl observa que conversam sempre sobre o sentido de vida e morte. Por quê? Pois diante da ameaça da morte, luta-se pelo sentido da morte como autoconservação espiritual (o sacrifício é capaz de dar sentido a ela; os moribundos lutam interiormente para consagrar seu sofrimento e sua morte como sacrifício), ou seja, a busca de um sentido último. O homem vivente tem passado e futuro, o moribundo tem apenas passado. O morto é seu próprio passado; com a morte, nasce ontologicamente o ser - “ter sido é a mais segura forma de ser” (AQUINO, 2020, p.92). Assim, para Frankl, a morte não aniquila o sentido da existência, mas o constitui. Se a vida fosse infinita, o ser humano não preencheria o seu passado, pois adiaría suas ações no mundo *ad infinitum*. O ser humano, ao contrário, por ser finito, é encorajado a aproveitar os momentos irrepetíveis de sua existência de forma consciente e responsável justamente porque é um ser-para-a-morte.

Para Frankl (2015), no princípio a vida é apenas substância que vai se consumindo ao longo da temporalidade para se converter em historicidade (fatos, vivência, sofrimento). Assim, o essencial não é a duração da vida mas a plenitude do sentido. A morte teria esse efeito pedagógico de convocar a pessoa a realizar valores em sua existência, ou seja, concretizar o sentido da sua vida. O ser humano entra na temporalidade na sua concepção e sai exatamente no momento da morte. Aquino (2020) apresenta a ideia do círculo, finito e ilimitado, para referir-se à vida do homem. Como uma linha circular se fecha sobre si mesma assim também o homem na morte: caminha para ser, no momento da morte, seu próprio passado.

2. Pandemia, Pós-Modernidade e Espiritualidade

A pandemia do novo coronavírus, historicamente, será caracterizada, assim acreditamos, numa era marcada pelos reflexos da pós-modernidade. Quando a Covid-19 nos sobreveio, o cenário religioso que se avistara já era o de uma intensa conclamação ao pluralismo religioso, com o crescimento dos novos movimentos religiosos cada vez menos ligados às instituições. O mundo não deixou de ser religioso, pelo contrário! Nunca se falou e se respirou tanto a religião como nos tempos atuais, e o cenário pandêmico o

intensificou. Aquela remota hipótese de que a religião desapareceria com a secularização parece descartada pelos cientistas da religião. Em direção oposta, o que se observa é um cenário propício para o florescimento religioso em sua multiplicidade de sentidos.

O fechamento dos templos ocasionado pelas medidas de isolamento social na pandemia e a reviravolta litúrgica e espiritual disponíveis nas mídias vêm corroborar, acentuar e expressar essa plausibilidade religiosa dos tempos pós-modernos. O termo utilizado por Gianni Vattimo para retratar essa configuração espiritual da secularização é “enfraquecimento”. Vamos entender mais a fundo o que abarca esse conceito.

Para Vattimo (2004), o pluralismo pós-moderno permite reencontrar a fé cristã. A época na qual vivemos hoje, e que com justa razão chamamos de pós-moderna, é aquela em que não mais podemos pensar a realidade como uma estrutura fortemente ancorada em um único fundamento, que a filosofia teria a tarefa de conhecer e a religião, talvez, a de adorar. É precisamente enquanto herdeiro da tradição judaico-cristã, que pensa o real como criação e como história de salvação, que o pensamento pós-moderno se liberta, realmente, da metafísica objetiva, do cientificismo, e passa a ser capaz de corresponder à experiência da pluralidade das culturas e da historicidade contingente do existir.

Esse pluralismo pós-moderno vem sendo construído com os vários processos de secularização ocorridos na modernidade e devem ser vistos não sob a ótica de distanciamento da matriz religiosa, e sim, como processos de interpretação, aplicação, especificação enriquecedora daquela matriz. Na verdade, o que se sucedeu é que a metafísica da presença foi substituída pela ontologia hermenêutica, ou seja, o ser não se dá de forma definitiva na presença, mas “acontece como anúncio e cresce nas interpretações que o escutam e que a ele correspondem, sendo, também, um ser orientado para a espiritualização, para a suavização, ou, o que é a mesma coisa, para a *kénosis*” (VATTIMO, 2004, p.87,88). Vattimo (2016) fala de um “adeus à verdade”:

A despedida é da verdade como reflexo “objetivo” de um “dado” que, para ser descrito adequadamente, deve ser fixado como estável, exatamente como “dado”. Ora, isto pode ser feito nas ciências que “não pensam” – seja porque não questionam o horizonte (o paradigma) dentro do qual se movem, seja porque ignoram a totalidade das relações dialéticas que condicionam seus objetos. (...) Hoje, portanto, de modo muito mais claro do que no passado, a questão da verdade é reconhecida como uma questão de interpretação, de aplicação de paradigmas que, por sua vez, não são objetivos (pois ninguém os verifica ou falsifica, senão com base em outros paradigmas...), mas são uma questão de partilha social. (VATTIMO, 2016, p.13,15)

Aqui podemos pensar nas concepções de fé e de igreja a partir dessa ontologia hermenêutica. A fé pós-moderna não está pautada na aceitação de dogmas rigidamente definidos ou disciplinas impostas por uma autoridade, e, então, podemos entender enfraquecimento enquanto abertura ao diálogo com o outro, o que propicia espiritualidade. E a igreja, nesse contexto, é certamente importante não apenas como veículo da revelação, mas também, e sobretudo, como comunidade de crentes que, na caridade, ouvem e interpretam livremente o sentido da mensagem cristã. Assim, não é qualquer secularização que é boa e positiva e nem qualquer interpretação é válida; é preciso que seja válida para uma comunidade de intérpretes. Na prática, isso significa que, a partir dessa ontologia hermenêutica, a igreja pode reconhecer a sua verdadeira centralidade de anúncio, de abertura, de enfraquecimento (nas palavras de Vattimo), de *kénosis*, tão bem retratada pela secularização na modernidade.

O estágio de civilização ao qual chegamos – com a tecnologia mecânica e informática, com a democracia política e o pluralismo social, com a disponibilidade universal dos bens necessários a garantir a sobrevivência – oferece-nos a chance de um tempo novo orientado para a espiritualização, a suavização, a redescoberta da igreja, a abertura ao diálogo e aos movimentos religiosos. Para Mónico (2015), é notório, num mundo contemporâneo e plural, o desenvolvimento das crenças fora dos contextos institucionais, associadas a uma atitude religiosa mais pragmática.

Na verdade, a secularização que se observa, sobretudo, no ocidente tem tudo de religioso e o que deixa entrever é uma grande crise de sentido: a igreja (cristã), libertada da metafísica da presença, agora pode redescobrir-se em sua verdadeira mensagem. É como se, agora, a igreja, livre dos fundamentos metafísicos, pudesse de fato se encarnar, ‘quenotizar-se’, e esse “enfraquecer”, na visão de Vattimo (2004), é espiritualizar-se. A figura do papa Francisco, ao chamar a necessidade de uma igreja “em saída”, que não receia em se machucar ao se misturar no meio de todos, revela esse caráter mais enfraquecido, liquefeito, dialogal, aberto ao outro, focado na alteridade, contra as ideias previamente dadas e estabelecidas.

Assim como Vattimo enxerga nesse cenário enfraquecido da pós-modernidade a possibilidade de a igreja reconstruir-se em sua real identidade cristã, Viktor Frankl, também numa inclinação às fontes heideggerianas, ao tratar sobre o sentido da vida, identifica na realidade enfraquecida e aniquiladora, ou seja, a morte, o fundamento para o sentido da existência. Parece-nos que esta mudança de época, cada vez menos alicerçada em fundamentos rígidos e metafisicamente acabados e crescentemente aberta às

possibilidades, tem levado o crente ao encontro com a sua verdadeira vontade de sentido, ou seja, fá-lo passar por uma verdadeira crise de sentido e reencontrar a sua espiritualidade. Consciente dessa sua realidade de ser-para-a-morte que tende a enfraquecer, a entregar-se pelo outro e a todo tempo dar sentido à existência, o crente pode espiritualizar-se. Eis o grande chamado dos tempos pandêmicos!

3. As Mídias e a Novidade Religiosa

É inegável, sobretudo no contexto da pandemia, isolamento social e *lockdown*, que a religião, em seus variados formatos e manifestações, venha a se propagar cada vez mais pelas mídias, especialmente a internet. Para Siepierski (2001), a religião possui um estoque simbólico que permite o emprego de uma história idealizada, construída e reconstruída segundo as necessidades, a serviço das demandas do tempo presente. Nosso objetivo não consiste em julgar a eficácia ritual ou a valoração dos sentimentos e conteúdos religiosos propagados nas mídias, mas sim observar o fenômeno que está à nossa vista e tentar identificar sob quais aspectos essas novas formas de fazer e viver a religião provocam significados na vida e nos valores da pessoa crente.

Há uma ideia intuitivamente plausível de que os meios de comunicação servem para transmitir informação e conteúdo simbólico a indivíduos que os recebem sem que isso altere suas relações com os outros. Contudo, de acordo com Thompson (2002), - este é nosso ponto de partida para analisar as implicações do deslocamento do ambiente presencial de culto para o virtual - são legítimas e significativas as transformações simbólicas ocorridas pela interação mídia-religião e isso afeta substancialmente as relações dos fiéis com o sagrado, consigo próprios e com os outros.

Uma coisa é fato: as pessoas não deixaram de ser religiosas por conta da pós-modernidade ou devido à pandemia. É possível que se considerem até mais religiosas que em outros momentos históricos. O que se observa, hoje, é a multiplicidade de ofertas religiosas a ponto de ser uma tarefa difícil nominá-las em suas especificidades. Hervieu-Léger (2015) auxilia-nos a entender esse momento religioso com o conceito de “bricolagem religiosa”:

Como os crentes “bricoladores”, isto é, aqueles que se apropriam de elementos religiosos daqui e dali, criando, a partir de suas experiências e expectativas pessoais, pequenos sistemas de significação que dão sentido à sua existência, como podem eles ser levados a reivindicar sua inserção na continuidade de uma linhagem de pertença a uma crença?

(...) Os crentes modernos reivindicam seu “direito de bricolar”, e, ao mesmo tempo, o de “escolher suas crenças”. Mesmo os mais convictos e os mais integrados a uma determinada confissão fazem valer seus direitos à busca pessoal pela verdade. Todos são conduzidos a produzir por si mesmos a relação com a linhagem da crença na qual eles se reconhecem. (HERVIEU-LÉGER, 2015, p.64)

Para Hervieu-Léger (2015), no âmbito da religião, a capacidade do indivíduo para elaborar seu próprio universo de normas e de valores a partir de sua experiência singular tende a impor-se vencendo os esforços reguladores das instituições. Assim, nos dias atuais, não podemos dizer de uma diminuição religiosa, talvez sim de uma diminuição do poder institucional no religioso, o que se contrasta com essa abertura religiosa para o indivíduo que “bricola” e escolhe as suas próprias crenças, ou seja, as que fazem sentido para ele. As mídias, especialmente a internet, mostram-se como terreno propício e acolhedor para a vivência desse mundo religioso mais livre do dogmatismo e mais aberto a corresponder aos instáveis clamores do homem pós-moderno.

No que tange ao caráter ritualístico das religiões, o que se destaca na internet é a capacidade de interatividade que ela dispõe ao usuário. Apesar de podermos assistir à televisão, lermos jornal e falarmos com outras pessoas ao telefone, a internet parece congrega essas funções e ainda dar ao indivíduo a capacidade de escolher a rota que quer seguir. O indivíduo trilha seu caminho em um site na rota escolhida pelos cliques. O caminho não é inventado na hora, está pré-determinado pela plataforma on-line, mas, o usuário é convidado à interação com os sites se distinguindo da televisão na qual se escolhe um canal e cruzam-se os braços. (CARLETTI, 2016, p.24)

Para tentarmos entender o que acontece nesse processo comunicacional e interativo entre a religião e a mídia, vamos nos apropriar de alguns conceitos de Thompson (2002), como o de comunicação, poder simbólico, mídia, recepção e apropriação.

Nos períodos de maiores dificuldades, como tem sido a pandemia, conseguimos perceber com maior visibilidade o poder de influência que tem a religião na vida das pessoas crentes. Suas súplicas, oferendas, preces, votos, promessas, orações aos santos manifestam um forte intercâmbio entre o universo espiritual e o dia a dia das pessoas, e a reação é mensurada pelas situações de paz, conforto, calma, reconciliação entre as pessoas da família, um pedido atendido e tantas outras. Entendemos, pois, que se trata de uma comunicação e que é ancorada por um poder que consegue promover tais feitos.

A comunicação é “um tipo distinto de atividade social que envolve a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas e implica a utilização de recursos de vários tipos” (THOMPSON, 2002, p.25). O poder simbólico é a “capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas” (THOMPSON, 2002, p.24). Como instituições representativas do poder simbólico, temos, por exemplo, a escola, a igreja e as indústrias da mídia. E o recurso motriz para a manifestação deste poder simbólico são os meios de informação e comunicação.

Dentre as formas mais refinadas de influência e poder simbólico, temos a mídia, com seus efeitos tão presentes em nosso cotidiano. A definição de mídia para este autor pode nos ajudar a entender o alcance de tal impacto social: “produção institucionalizada e difusão generalizada de bens simbólicos através da fixação e transmissão de informação ou conteúdo simbólico” (THOMPSON, 2002, p.32). E, segundo o mesmo, todo esse processo de produção (que é a mídia) envolve: 1) meios técnicos e institucionais de produção e difusão; 2) mercantilização das formas simbólicas; 3) dissociação estrutural entre a produção das formas simbólicas e a sua recepção; 4) extensão da disponibilidade das formas simbólicas no tempo e no espaço; 5) circulação pública das formas simbólicas - pluralidade de destinatários.

Se a produção e a transmissão de bens simbólicos envolvem etapas tão meticulosas e que enviesam tantos setores, não é diferente a recepção das formas simbólicas por parte dos destinatários (o termo “destinatário/s” não é o mais adequado se levarmos em conta a interação comunicacional). Os símbolos são transmitidos e recebidos num processo de interação-interpretação constante. Daí a questão sobre as transformações que vão ocorrendo na elaboração de sentido religioso para os fiéis cada vez mais conectados e *religados* virtualmente. As características que Thompson (2002) aborda sobre a recepção midiática fazem muito sentido para nossa reflexão.

Primeiramente, temos que a atividade receptiva não é passiva, mas uma *verdadeira atividade*, visto que o sentido que os indivíduos dão aos produtos da mídia varia de acordo com a formação e as condições sociais de cada um, de modo que a mesma mensagem pode ser entendida de várias maneiras em diferentes contextos. Segundo, trata-se de uma atividade *situada*, ou seja, dentro de contextos específicos estruturados que dependem do poder e dos recursos disponíveis aos receptores em potencial. Depois, ela é *rotineira*, como sendo parte integrante das atividades constitutivas diárias, como, por exemplo, as horas dedicadas às redes sociais. É uma realização *especializada*, ou seja,

depende das habilidades e competências adquiridas, variáveis de grupo para grupo, e que, nos momentos históricos, tornam-se parte da maneira social dos indivíduos, quase que imperceptíveis como aquisições sociais. Por fim - talvez um dos dados mais importantes para nossa pesquisa - é um processo *hermenêutico*: “os indivíduos que recebem os produtos da mídia são geralmente envolvidos num processo de interpretação através do qual esses produtos adquirem sentido” (THOMPSON, 2002, p.44).

A recepção midiática é, portanto, uma atividade que engloba a vida das pessoas que estão a interpretar a todo o momento as formas simbólicas e construindo sentidos para sua história. Assim, esta recepção pode vir a ser uma “apropriação”. Ao “interpretar as formas simbólicas, os indivíduos as incorporam na própria compreensão que têm de si mesmos e dos outros” (THOMPSON, 2002, p.45). Eles as usam como veículos de interpretação de si, do outro, do mundo a que pertence. Apropriar-se “é adaptar a mensagem à nossa própria vida e aos contextos e circunstâncias em que a vivemos; contextos e circunstâncias que normalmente são bem diferentes daqueles em que a mensagem foi produzida” (THOMPSON, 2002, p.45).

Esses conceitos de Thompson (2002), acima abordados, em seu conjunto, podem iluminar-nos na análise da relação religião-mídia e das transformações simbólicas que vão se constituindo especialmente na questão da busca de sentido que a pessoa crente atribui à religião nesse tempo de pandemia. Essas inferências teóricas e inquietações não têm a pretensão de oferecer respostas, mas apontam e levantam questões para uma temática que tende a ganhar cada vez mais espaço na discussão acadêmica e relevância nas ciências da religião.

Considerações finais

Quando pensamos nas nossas igrejas fisicamente fechadas ou restritas por conta do isolamento social, quando avistamos os desequilíbrios emocionais e sofrimentos psíquicos e vemos bater à nossa porta a morte em progressão geométrica por conta de uma pandemia avassaladora que tem ceifado as nossas vidas em todos os sentidos, poderíamos sintetizar e dizer que a religião passa por um período de sombras. Por outro lado, as mídias e os recursos tecnológicos da pós-modernidade têm nos mostrado que a religião está viva e que as pessoas estão vivendo e respirando suas antigas e novas espiritualidades em casa, na internet – poderíamos, pois, falar em luzes! Em ambas as acepções, sejam as sombras ou as luzes na religião, é nela, no universo religioso, que o

crente encontra sentido - o que Frankl chamou de vontade de sentido – para significar suas escolhas e viver.

Sobre o primeiro ponto que abordamos no texto, podemos dizer que a pandemia levou-nos a pensar na condição da existência humana, principalmente o significado da morte, que não aniquila o sentido da vida, mas deve ser uma certeza existencial a favorecer ao ser humano buscar a sua vontade de sentido. Assim, ainda que soe como paradoxal, dada toda a questão desagregadora e caótica por se tratar de uma terrível crise de saúde pública e social, a realidade da morte é um chamado para o repensar na vida e nos significados atribuídos às escolhas e ações humanas. A religião, nesse sentido, apresenta-se como caminho e busca de sentido, um caminho de autotranscendência, que, em todos os tempos, faz sentido, de modo específico e em cada época, para a pessoa crente e suas relações humanas.

Quanto às possibilidades de ser da religião nos tempos pandêmicos, parece que a multiplicidade religiosa encontra muito campo e aderência na pós-modernidade em formatos os mais diversos possíveis. Os valores, escolhas e práticas religiosas do homem de hoje têm encontrado livre e ampla acolhida nas mídias, e a comunidade virtual está cada vez mais presente no imaginário simbólico, nos credos e relações do crente. Ao que tudo indica, parece que as pessoas, em vez de serem consideradas menos ou pouco religiosas, hoje se veem muito religiosas a seu modo e de acordo com seus valores individuais.

Como refinadas representantes do poder simbólico, a religião e a mídia são duas instâncias que se relacionam, hoje ainda mais entrelaçadas: a pluralidade religiosa enxerga na internet não apenas ferramenta para veicular suas mensagens mas também ambiente de formação e transformação simbólica, promovendo a ressignificação das experiências religiosas e o alcance social na vida do homem e da mulher de fé. Assim não seria apenas um deslocamento geográfico, do presencial para o virtual, da igreja para a tela, mas um ser religioso que está em processo e se formando a cada dia.

Assim, o trabalho em questão vem ser um começo de conversa, pois são muitos os terrenos a serem pesquisados a partir das novas configurações e rostos religiosos que este tempo da pandemia e da internet, de enfraquecimento metafísico e de abertura ao diálogo vem nos oferecer: desde o local de culto, os agentes envolvidos, os ritos e as maneiras de oração até às profundas buscas de sentido e posturas éticas advindas dessas novas e significativas experiências religiosas.

Referências

- AQUINO, T. A. A. “Os sentidos do viver e do morrer na perspectiva da logoterapia e análise existencial”. In: LEMOS, C. T.; FILHO, J. R. F. M. (orgs.): *Religião, espiritualidade e saúde: os sentidos do viver e do morrer*. Belo Horizonte: Senso, 2020.
- CARLETTI, R. S. “Religião e Internet: Como Pensarmos a “Religião” Hoje? *Último Andar: Cadernos de Pesquisa em Ciência da Religião*, n. 29, 2016.
- FRANKL, V. E. *A Vontade de Sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus, 2011.
- _____. *O Sofrimento de Uma Vida Sem Sentido: caminhos para encontrar a razão de viver*. São Paulo: É Realizações, 2015.
- HERVIEU-LÉGER, D. *O Peregrino e o Convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MÓNICO, L. S. M. “Secularização, (a) teísmo e pluralismo religioso nas sociedades ocidentais contemporâneas”. *Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, vol.13, n.40 - dezembro, 2015.
- PAGOLA, J. A. Aprender del coronavirus a ser más humanos. *Vida Nueva Digital*, Colômbia, 7/04/2020. Disponível em: <https://www.vidanuevadigital.com/tribuna/aprender-del-coronavirus-a-ser-mas-humanos-por-jose-antonio-pagola/>>. Acesso em: 28/05/20.
- SIEPIERSKI, C. T. “*De Bem com a Vida*”: *O sagrado num mundo em transformação. Um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 2001.
- THOMPSON, J. B. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VATTIMO, G. *Adeus à Verdade*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- _____. *Depois da Cristandade: por um cristianismo não religioso*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Recebido em: 17/04/2021
Aprovado em: 28/05/2021